

1

Os Diferentes Tipos de Tempo

Nem tudo se adapta a uma simples descrição linear. É o caso do tempo. O erro mais grave em relação ao tempo é considerá-lo como uma realidade simples. Longe de ser uma constante imutável, como supunha Newton, o tempo é um agregado de conceitos, de fenómenos e de ritmos que recobrem uma muito ampla realidade. Por isso, pôr em ordem essa realidade representa uma «tarefa eriçada de dificuldades», de acordo com os termos do africanista E. E. Evans-Pritchard¹. Ao nível de uma micro-análise, pode-se afirmar que existem tantos tipos de tempo diferentes como de seres humanos neste planeta. Mas nós, Ocidentais, consideramos o tempo como uma entidade única — concepção falsa, que não corresponde a nenhuma realidade.

É possível filosofar interminavelmente sobre a «natureza» do tempo. E se um tal exercício parece sedutor, por vezes mesmo esclarecedor, considere no entanto mais fecundo escolher uma outra abordagem: estudar primeiro o comportamento, e depois os discursos. Observando aquilo que as pessoas realmente fazem (em comparação com o que escrevem e afirmam quando elaboram teorias), descobre-se rapidamente uma larga distância entre o tempo tal como é vivido e o tempo tal como é concebido. Quando fazemos coisas muito diferentes (como escrever livros, jogar, organizar actividades, viajar, ter fome, dormir, sonhar, reflectir, celebrar cerimónias), exprimimos, inconscientemente e por vezes conscientemente, diferentes categorias de tempo e participamos nisso: por exemplo, há um tempo sagrado

e um tempo profano, um tempo físico e um tempo supra-sensível. É também claro que o tempo no sentido técnico definido por Einstein — ou dito de outro modo, o tempo dos físicos — se distingue do tempo dos engenheiros e dos técnicos. Se os engenheiros devem ser tão exactos quanto possível, não têm contudo, nas circunstâncias vulgares, de tomar em consideração a relatividade do tempo de Einstein, o facto da velocidade à qual ele se escoia ser função da velocidade da luz. Há, por outro lado, ritmos biológicos de que se ouve falar muito, que por vezes se desorganizam, por exemplo, quando se viaja de avião. Quem quer que já tenha feito a experiência das perturbações ligadas às diferenças horárias está particularmente bem colocado para saber que existe um conflito entre os dois sistemas de tempo seguintes: o sistema dos relógios biológicos e o dos relógios do país onde se encontra, quando está suficientemente afastado para pertencer a uma outra zona horária. Um indivíduo que se encontra numa capital europeia quando partiu das Mountains States ou da costa oeste dos Estados Unidos, vê-se, com desorientação, esmagado pela fadiga durante o dia, no momento em que justamente deveria estar em forma para participar numa reunião ou numa conferência. Com efeito, em função de ritmos profundamente enraizados nele, o corpo desse indivíduo esteve de facto desperto toda a noite, e o seu relógio marca-lhe então seis ou sete horas da manhã! Indiferente ao ritmo dos relógios da nova zona horária em que se encontra, o seu corpo grita: «São horas de deitar e de dormir.»

Por outras palavras, é possível demonstrar que ao nível profundo da cultura, tal como ao nível superficial da cultura manifesta, a maior parte daqueles que vivemos no mundo industrializado, utiliza e distingue entre seis e oito (dos nove) tipos de tempo que é possível identificar. Dispomos aí dos fundamentos de uma taxinomia popular. E as taxinomias populares têm mais a ensinar-nos do que geralmente se supõe: reflectem, sem dúvida, de modo mais verídico a maneira como as pessoas pensam e actuam a um nível implícito (primário) que os sistemas de classificação avançados pelos filósofos e especialistas das ciências humanas. Distinguem-se habitualmente os tempos sagrado, profano, metafísico, físico, biológico, e o tempo dos relógios, mas

não sabemos praticamente nada sobre o modo como eles se organizam para formar um conjunto coerente, nem como cada tipo de tempo influencia a nossa vida. Além disso, existem duas categorias de tempo de que os Euro-Americanos só parcialmente estão conscientes. Nós estamos todos ligados uns aos outros por um tecido de ritmos inumeráveis: aqueles que, por exemplo, influenciam as relações dos pais com os filhos, como as relações dos indivíduos em sua casa e no seu trabalho. A estes ritmos, acrescentam-se modelos culturais que recobrem uma realidade mais ampla, em que alguns se opõem completamente e que, como o azeite e a água, nunca se misturam.

Como proceder agora a uma classificação racional destes diferentes tipos de tempo, de modo a realçar as suas relações mútuas num sistema coerente? Escolhi representar simbolicamente o conjunto destas relações através de um *mandala*. Trata-se de um dos mais antigos meios de classificação alguma vez utilizado: o *mandala* tem geralmente a forma de um círculo ou de um quadrado, e o seu funcionamento é comparado ao de uma matriz utilizada em álgebra. O objectivo essencial é, neste caso, representar de modo completo e não linear as relações existentes entre um certo número de ideias.

Os *mandalas* são particularmente úteis quando as relações consideradas são paradoxais, no sentido em que se completam e se contradizem ao mesmo tempo; ou ainda, quando se trata de considerar pares ou conjuntos de factos dissemelhantes de que se apercebe intuitivamente a relação, mas sem os termos ainda associado, relacionado ou combinado num único sistema. Depois de ter considerado diversos meios de combinação, concluí que o *mandala* permitia a abordagem mais apropriada. As relações assim evidenciadas devem conformar-se o mais possível às relações realmente existentes, tais como as observamos na realidade. Daí a importância de conseguir estabelecer combinações adequadas. Elaborei assim, pouco a pouco, um *mandala* que integra agora quatro pares complementares, como mostra o diagrama que se segue.

Mas antes de falar dele, queria acrescentar algumas observações sobre a representação simbólica, em geral, e sobre este *mandala*, em particular. Deveríamos considerar os símbolos co-

mo utensílios ou instrumentos, e distingui-los sempre claramente dos fenômenos que simbolizam. As palavras e os símbolos matemáticos põem particularmente em evidência como é que tais instrumentos se prestam a manipulações às quais não se podem submeter os próprios fenômenos.

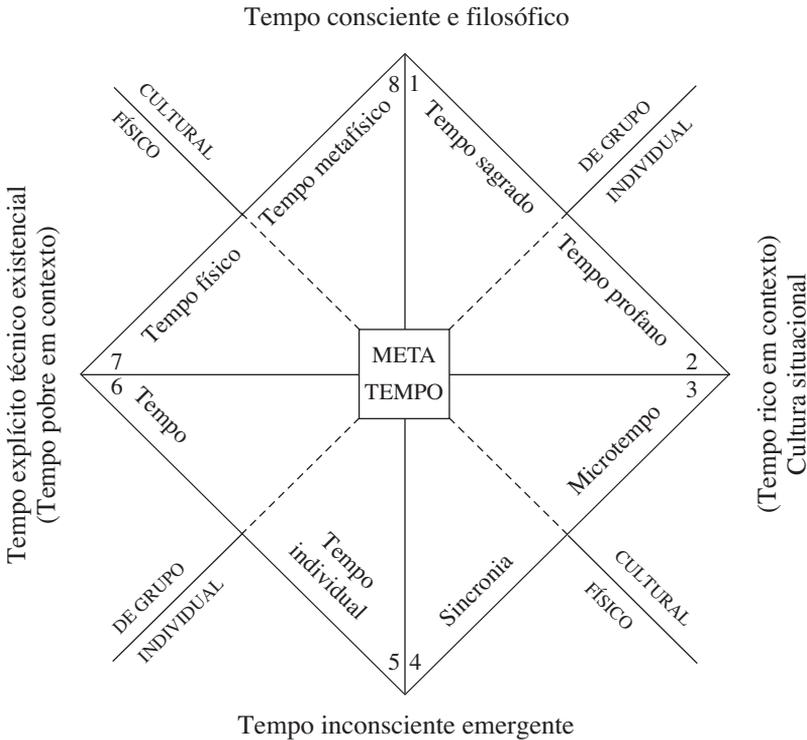
De acordo com Albert Einstein, o tempo é apenas o que um relógio indica, e um relógio pode ser qualquer coisa — a deriva de um continente, um estômago pelo meio-dia, um cronômetro, um calendário de cerimônias religiosas, uma lista de instruções ou um programa de produção. O relógio que utilizamos é regulado na base de diferentes relações próprias da nossa vida pessoal. Assim, cada uma das divisões do *mandala* corresponde a um tipo de relógio radicalmente diferente dos outros. Nessa perspectiva, e tendo em conta as diferentes categorias de tempo, é importante notar que não se podem aplicar regras de compreensão próprias de uma delas (a um tipo de relógio) a uma outra categoria. É inútil tentar compreender o tempo físico (científico) nos mesmos termos que o seu contrário, o tempo metafísico, e vice-versa, ou aplicar as regras do tempo sagrado ao tempo profano. As categorias do tempo são tão diferentes como universos com as suas leis próprias. O *mandala* evidencia as suas naturezas particulares, assim como as suas relações recíprocas.

Procurarei, ao considerar cada tipo de tempo, dar ao leitor pormenores suficientes para que possa apreender aquilo que está incluído em cada título que figura no *mandala*, e fazer uma ideia do modo de medida do tempo examinado. As relações estruturais existentes entre esses diferentes modos de medida e as possibilidades de os associar são consideradas no apêndice 1.

Tempo biológico

Antes da vida surgir sobre a terra — o que aconteceu há entre dois e quatro mil milhões de anos —, a alternância do dia e da noite devida à rotação do nosso minúsculo planeta em torno do sol, foi um dos numerosos ciclos constitutivos do meio no qual a vida se desenvolveu. Os fluxos e refluxos das marés, a alternância das estações em função da órbita descrita pela terra em

CARTA DO TEMPO



Nota: Para considerar sistemas complementares, é necessário mencionar o meta-tempo, nível no qual se situam os conceitos que integram todas estas dimensões do tempo.

torno do sol, estiveram na origem do aparecimento de outras séries de ciclos numa altura em que a vida começava. Os ciclos de formação das manchas solares, a dilatação e a compressão da atmosfera primitiva, semelhantes à respiração de um enorme animal adormecido, constituíram outras tantas mudanças de ritmo do meio às quais as primeiras formas de vida se adaptaram, e que acabaram também por interiorizar.

Em função destes dados, nenhuma forma de vida evoluiu ou pode evoluir num mundo atemporal e sem ritmos. Pelo contrá-